



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA

CURSO DE LETRAS

**A MORTE COMO UM DISPOSITIVO REGULADOR DO COMPORTAMENTO
SOCIAL: Uma análise sobre a primeira morte do personagem amadiano Joaquim
Soares da Cunha**

Kaligina Carla Bazilio de Souza

Campina Grande-PB

2014

KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA

**A MORTE COMO UM DISPOSITIVO REGULADOR DO COMPORTAMENTO
SOCIAL: Uma análise sobre a primeira morte do personagem amadiano Joaquim
Soares da Cunha**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof^º. Dr. Francisca Zuleide Duarte de Souza.

Campina Grande-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729m Souza, Kaligina Carla Bazilio de

A morte como dispositivo regulador do comportamento social [manuscrito] : uma análise sobre a primeira morte do personagem amadiano Joaquim Soares da Cunha / Kaligina Carla Bazilio de Souza. - 2014.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Morte 3. Literatura 4. Filosofia I.
Título.

21. ed. CDD 801.95

KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA

KALIGINA CARLA BAZILIO DE SOUZA

**A MORTE COMO UM DISPOSITIVO REGULADOR DO COMPORTAMENTO
SOCIAL: Uma análise sobre a primeira morte do personagem amadiano Joaquim
Soares da Cunha**

Data da apresentação: 10/12/2014

BANCA EXAMINADORA:

Francisca Zuleide Duarte de Souza

Prof. Dr. Francisca Zuleide Duarte de Souza – UEPB - Orientadora

Edson Tavares Costa

Prof. Dr. Edson Tavares Costa - UEPB - Avaliador

Adalberto Teixeira Rodrigues

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues - UEPB - Avaliador

NOTA: 7,0

**À minha família,
Que é o alicerce da minha vida,**

DEDICO...

AGRADECIMENTOS

- A Deus, por ter me dado força para superar as dificuldades.
- Aos meus pais (Eliane e Souza), aos meus irmãos (Kaline e Gabriel), ao meu filho (Antony Khalil), a minha avó (Teresinha Cristina) e ao meu companheiro (Felipe), pelo apoio e incentivo. Amo vocês.
- A Francisca Zuleide (orientadora), pelo crédito e o suporte .
- Aos primos e tias pela contribuição valiosa.
- Aos amigos Ari, Isadora, Eduarda, Desterro, Divana, Taciana, Márcia Nery, Família 4s e Isabela, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação, e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.
- Aos professores e à Instituição, pelos conhecimentos adquiridos.
- E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação acadêmica.

Meu muito obrigada!

**<<Mas eu o tentarei, como ele próprio
aconselhava, pois o importante é tentar,
mesmo o impossível>>**

(Jorge Amado)

**A MORTE COMO UM DISPOSITIVO REGULADOR DO COMPORTAMENTO
SOCIAL DOS SUJEITOS: Uma análise sobre a primeira morte do personagem
amadiano Joaquim Soares da Cunha**

Kaligina Carla Bazilio de SOUZA¹

Resumo: No livro “A morte e a morte de Quincas Berro Dágua” são abordadas as três mortes vividas pelo protagonista. No entanto, o foco do nosso trabalho se volta para primeira morte do protagonista, no sentido simbólico. Apoiados em teorias filosóficas e psicanalíticas, buscamos explicar o sentido atribuído à morte. Assim, procuramos entender como foi possível a morte do protagonista ser tratada como algo positivo para sua família, uma vez que, a nossa relação com a morte é sempre no sentido negativo. Portanto, este trabalho se propõe a discutir a relação do homem com a morte, no sentido simbólico (moral) e natural (físico), a partir do personagem amadiano Joaquim Soares da Cunha (Quincas Berro Dágua). Para isso, utilizou-se as teorias de Schopenhauer (2007), Freud (1997) e Amado (1981), compreendendo que a primeira morte vivida pelo protagonista passa a significar sua resignação, assim, sendo vista como um dispositivo regulador do comportamento social

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Literatura. Filosofia. Jorge Amado.

Abstract: In the book "The death and the death of Quincas Dágua" addresses the three deaths experienced by the protagonist. However, the focus of our work is back to first death of the protagonist, in the symbolic sense. Supported by philosophical and psychoanalytic theories, we seek to explain the meaning attributed to death. So we try to understand how the death of the protagonist be treated as something positive for your family it was possible, since our relationship with death is always in the negative direction. Therefore, this paper aims to discuss the relationship of man with death, in the symbolic sense (moral) and natural (physical), from amadiano character Joaquim Soares da Cunha (Quincas Dágua). For this, we used the theories of Schopenhauer (2007), Freud (1997) and Beloved (1981), comprising the first death experienced by the protagonist comes to mean his resignation, thus being seen as a regulatory device of social behavior.

Keywords: Death. Literature. Philosophy. Jorge Amado.

¹ Graduanda do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
kaliginacarla20@gmail.com

INTRODUÇÃO

De acordo com o filósofo alemão Schopenhauer (1788- 1860), “a morte encontrará o homem por meios diferentes, contundo a forma como o individuo agirá, tem contribuição significativa da religião ou da filosofia que segue.”² Partindo desse pressuposto, iremos analisar “**A morte como um dispositivo regulador do comportamento social dos sujeitos**”. Para isso, tomaremos como objeto de análise o personagem Joaquim Soares da Cunha, da novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, publicado, em 1961, por Jorge Amado, que trata das três mortes do personagem. A primeira morte é, ao mesmo tempo, renascimento – é a morte do respeitável Joaquim Soares da Cunha, funcionário exemplar da mesa de Rendas Estadual e o nascimento de Quincas Berro Dágua, homem boêmio da ladeira do Taboão. A família não reconhecia ainda aquele homem como Quincas, por isso, para sua filha Vanda, amigos e parentes, ele já havia morrido.

Quincas era um vagabundo, marinheiro sem barco e sem nunca ter navegado, cachaceiro, o pai dos malandros da ladeira do Taboão, isso fica evidente na fala do personagem Pastinha que diz: “- Ele era o pai da gente!” Sua segunda morte foi em um quarto de pensão. A terceira, deu-se no mar após uma tormenta e Quincas se atira, dando um grito dizendo que se enterrava como bem entendesse.

Neste trabalho, a análise se volta para primeira morte do personagem amadiano, a morte no seu sentido simbólico.

Desse modo, por meio desse estudo, é possível trazer alguns questionamentos a respeito de como podemos compreender a ação do homem sobre o caráter do sujeito, e no caso da morte do personagem Joaquim Soares da Cunha (Quincas Berro Dágua), apontaremos para o fato de que a morte não significou uma perda para sua família, nem tampouco se observou por meio dela o temor da morte, algo comum entre os homens e que tanto os afligem. O que podemos observar é que foi uma morte, do ponto de vista da sua família, o resgate da moral de Joaquim Soares da Cunha.

O interesse por esse estudo surgiu a partir de leituras realizadas em obras como *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* do escritor baiano Jorge Amado, “Da morte metafísica do amor do sofrimento do mundo”, de Schopenhauer e “O mal-estar na

² Disponível em: <http://thanatosofia.blogspot.com.br/2012/02/arthur-schopenhauer-arthurschopenhauer.html>
acesso em: 24/10/2014

civilização”, de Sigmund Freud. As duas tratam a morte como natural ao homem, e, apontam para o modo como é encarado este acontecimento nas mais diferentes culturas. De acordo com Shopenhauer (2007), “a morte não pode ser considerada como um tema comum, verdadeiramente ela é algo temível pelo homem, por todo sofrimento intrínseco a perda tanto da vida como da presença de pessoas queridas”³.

Na obra do escritor baiano, há uma inversão dessa lógica, quando a família de Joaquim Soares da Cunha (Quincas Berro Dágua) aceita sua morte como algo “bom”, pois ela resgata a moral do tempo em que ele era um funcionário público exemplar. Para, vê-lo assumir a imagem do boêmio Quincas Berro Dágua causava certo sofrimento, e, dessa forma, a sua morte surge com a finalidade de evitar tal sofrimento. No livro citado, Freud (1856-1939 [1997]), afirma que a tarefa da vida humana é evitar o sofrimento, ficando a tarefa de obter prazer em segundo plano.

Assim, a morte do personagem Joaquim Soares da Cunha (Quincas Berro Dágua), surge para sua família como algo positivo, pois o mesmo poderá agora ser lembrado como o bom pai de família e de um comportamento exemplar.

A análise do objeto desse trabalho se constitui a partir de uma metodologia de análise teórica em obras literárias e filosóficas. Logo, serão trabalhados autores como: Jorge Amado (1981), Shopenhauer (2007), Freud (1997) entre outros, como fundamento crítico- teórico para o referido trabalho.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Sobre Jorge Amado e a construção social de sua literatura

Jorge Amado nasceu em 1912, no município de Itabuna, estado da Bahia. Filho de fazendeiro de cacau, formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Foi militante comunista e, em 1945, foi eleito membro da Assembléia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), nesse período ele foi autor, da lei, que assegura o direito à liberdade ao culto religioso, ainda em vigor.

³ Disponível em: <http://thanatosofia.blogspot.com.br/2012/02/arthur-schopenhauer-arthurschopenhauer.html>
acesso em: 24/10/2014

Em 1947, Jorge Amado esteve exilado com sua família na França, pois o seu partido foi declarado ilegal e, os seus membros foram perseguidos e presos. Em 1955, de volta ao Brasil, ele se afastou da militância Comunista, e passou a se dedicar a literatura

A literatura de Jorge Amado faz parte da chamada “Geração de Trinta”, ou “Segunda Geração Modernista”, que ocorreu entre os períodos de 1930 a 1945, período este, marcado por fortes tensões política ideológicas. Este período é também, um período marcado por grandes transformações na política brasileira, nota-se, que ainda neste período, o pessimismo estava presente em toda sociedade, o que gerou uma inquietação que se refletiu nas expressões literárias.

Alguns dos textos de Jorge Amado são “enquadrados” como regionalista, tendência que surge a partir de publicações de *A bagaceira* de José Américo e *O quinze* de Raquel de Queiroz, traz o nordeste como tema, e, aborda a miséria, a seca, e descaso dos políticos com essa região. No entanto, a obra amadiana analisada neste trabalho, se “enquadra” na prosa urbana, pois revela os conflitos sociais e as relações do homem com o seu meio, através do protagonista e o universo que o cerca.

De acordo com a observação desenvolvida por Paulo Bezerra no prefácio do livro de Duarte (1996), há quem considere a obra de Jorge Amado como uma obra de baixa qualidade estética, porém, este é um autor de grande notoriedade dentro e fora do nosso país, as suas obras ultrapassaram as nossas fronteiras. A sua obra literária conheceu inúmeras adaptações para o teatro, cinema, novelas e minisséries, elas apresentam recursos estilísticos expressivos que traz as mais variadas temáticas, tornando, assim, a sua obra torna-se variada e afasta a ideia de que é um autor ingênuo e, que sua obra apresenta baixa qualidade estética.

De acordo com Duarte (1996), embora Amado tenha escrito nos anos de 1931 (*País do Carnaval*), 1933 (*Cacau*) e 1934 (*Suor*), é a partir da publicação de *Jubiabá*, em 1935, que ele vai demarcar o início romance modernista. Jorge Amado apresenta um universo ideológico e cultural, ele escreve para o povo e os traz para o centro da ação, sua obra apresenta uma linguagem marcada pela oralidade. Ele retrata a sociedade baiana em diferentes épocas, mesclando humor e crítica aos padrões burgueses.

País do Carnaval é a obra amadiana que marca o romance modernista brasileiro; ela, segundo Duarte (1996, p.39), “indica a galhofa brasileira e o perfil do povo brasileiro, que é um povo que quer se fazer pela via do humor e da paródia.” Ainda de acordo com o autor,

esta obra apresenta bastante semelhança com a “A morte e a morte de Quincas Berro Dágua”. Em ambos os textos podemos perceber a crítica às instituições burguesas pela via do humor.

Em “A morte e a morte de Quincas Berro Dágua”, observamos, a partir do velório do personagem central, a ridicularização da hipocrisia e dos modelos sociais burgueses, pela inserção do realismo maravilhoso e por meio do herói picaresco, malandro e que transita por todas as chamadas sociais. Percebemos, que Jorge Amado, busca adaptar seus heróis as mais diversas situações e pessoas, costuma ter uma conduta inadequada sem punição severa, passa por inúmeras dificuldades, mas o seu final sempre é feliz.

A literatura amadiana está centrada em um projeto social, ou seja, o seu romance pode ser considerado como “Romance Proletário”, assim descrito por Duarte (1996). Os personagens criados por Jorge Amado representam a luta de classe, e o seu proletário, discute e procura entender o processo em que estão envolvidos, e imaginam uma saída. Amado reproduz em seus personagens uma imagem do oprimido, o seu herói é o símbolo da luta em favor destes.

Portanto, entende-se a obra de Jorge Amado centrada na luta, no desejo no empenho em construir uma sociedade em que a dignidade e a liberdade do povo possam ser expressas. A composição de suas obras vão percorrer por uma linha que parte da observação reflexiva, inerentes às problemáticas sociais.

Jorge Amado esteve envolvido com o comunismo e fortemente apoiado nas ideias Marxistas. A sua obra parece mais uma representação dos seus ideais políticos e culturais, assim, estão ligadas ao pensamento socialista.

1.2 A obra A morte e a morte de Quincas Berro Dágua

A novela amadiana “A morte e a morte de Quincas Berro Dágua” foi lançada no ano de 1961, está dividida em doze capítulos onde são narradas as várias mortes do personagem Joaquim Soares da Cunha (Quincas Berro Dágua).

A novela se passa na cidade de Salvador, inicialmente na orla do cais da Bahia, onde começa a ser descrita a morte de Quincas Berro Dágua. Quanto à morte do personagem

central, segundo o narrador, permanece certa confusão. No entanto, no primeiro capítulo, observamos que são contadas três mortes.

A sua primeira morte, não é a morte física, mas a morte moral, ou seja, é a morte do funcionário público Joaquim Soares da Cunha, pai de família e de boa procedência. Nesse momento, morre o homem exemplar para nascer o boêmio Quincas Berro Dágua.

A sua segunda morte ocorre em um cômodo sujo. A família recebeu a notícia da boca do Santeiro, que foi até a residência da família e lá encontrou a filha Vanda e o genro Leonardo. A família recebeu a notícia com certo alívio, pois, dali por diante, a memória do Joaquim Soares da Cunha poderia ser resgatada, ou seja, a partir daquele momento, ele poderia ser lembrado como o homem exemplar, de boa família, e, assim, a sua família poderia falar livremente dele, sem a vergonha que passara durante os dez anos que em ele assumiu a identidade de Quincas Berro Dágua. O Santeiro relatou para família de Quincas a forma como foi encontrado o seu corpo, e numa riqueza de detalhes que causou muito desconforto.

No capítulo dois, o Santeiro observava as fotos da família e se questiona sobre o que tivera levado Joaquim Soares da Cunha a se tornar Quincas Berro Dágua, aos cinquenta anos, deixando para trás a sua família e todos os padrões sociais que possuía. Vanda, ao ver o seu corpo estendido no catre, se questionava, tentando entender por que seu pai decidira por aquela vida. Estava ali o corpo de Quincas, com a meia furada, barba por fazer, vestido com roupas sujas e, em um lugar completamente sujo, porém, aquela “mancha na dignidade da família”, findava com a sua morte.

Estavam reunidos ali, naquele quarto, Tia Marocas, Tio Eduardo, Leonardo Barreto, e, mais tarde, os seus amigos Curió, Negro Pastinha, Cabo Martim e Pé de Vento, chegam ao local. A sua filha, providenciou tudo do seu velório, vestiu roupas limpas, fazendo-lhe lembrar o velho Joaquim, porém, não conseguiu fazer com que o sorriso cínico de Quincas saísse do seu rosto. Vanda sentia-se, naquele momento, vingada pelo desgosto que Quincas causara a sua família.

A notícia correu pelas ruas de Salvador, muitas lojas fecharam as suas portas em sinal de luto, muitos choraram a sua morte, como a negra Paula, vendedora de beijus e tapioca, até os marinheiros não escondiam a sua decepção. Joaquim se sentia um velho marinheiro “sem barco e sem mar”, sua mãe se chamava Madalena e era neta de um comandante, daí a sua paixão por barcos e pelo mar.

Quincas reservara ao mar a honra da sua derradeira hora. Ao final da noite, quando a família do morto já não estava mais no local, regados à cachaça, os seus amigos resolveram levar o corpo de Quincas para passear pelos lugares que ele, em vida, mais gostara de frequentar. Junto com Quitéria do Olho Arregalado, foram ao encontro de Mestre Manuel. A sua última morte acontece no mar, conforme a sua vontade, segundo depoimentos, a sua frase derradeira foi:

“- Me enterro como entender
Na hora que resolver
Podem guardar seu caixão
Pra melhor ocasião.
Não vou deixar me prender
Em cova rasa no chão.”
E foi impossível saber o resto de sua oração.
(AMADO,1984,p. 103)

Assim, Quincas morreu definitivamente, mergulhado nas águas do mar.

A novela retrata os dois lados da sociedade baiana, a família de Quincas que representa os padrões burgueses e, do outro lado, o boêmio Quincas, que, com seus amigos, representam o proletariado. Observamos, também, o lado da ordem e da desordem, que de acordo com Eduardo Marcílio⁴:

O universo da desordem, a que Quincas se entrega ao rejeitar a lógica perversa que o envolvia, segundo a qual o casamento, a família e o trabalho deveriam ser sustentados mesmo que conduzissem à infelicidade. Quincas recusa essa lógica até o fim e mesmo além do fim. O sorriso escancarado que exhibe em seu caixão faz lembrar o preceito latino que diz *ridendocastigat mores*, isto é, rindo, ele faz a crítica das normas sociais. E ao fazê-la, mostra que, de certa forma, estas estão mais caquéticas do que ele.

Portanto, Quincas, que veio da classe mais alta, identifica-se com o povo da ladeira do Taboão, e passa a ser visto por eles como um herói, “o pai de toda gente” e encerra sua “odisséia” entregue à liberdade do mar, representando os ideais do autor Jorge Amado, que se identificava com essa gente simples.

⁴Análise do Professor Eduardo Marcílio, Mestre em Teoria Literária pela Unicamp e Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/a-morte-e-a-morte-de-quincas-berro-dagua.html>

2. Aspectos sobre a morte

Nascido em Danzig, em 22 de fevereiro de 1788, o filósofo alemão, Arthur Schopenhauer, traz para a filosofia de sua época uma independência dos ramos presentes na Europa. A sua principal obra é “O mundo como vontade de representação”, publicada em 1818⁵. Essa obra está dividida em quatro livros, e todos os seus escritos após essa publicação serão uma espécie de continuidade dos temas ali abordados.

Em sua filosofia, o mundo é **vontade**, impulso cego, só o outro lado é representação, ou seja, a **vontade** é como se fossem “fios invisíveis”, como explica a filósofa Viviane Mosé⁶, é essa vontade que move o mundo e se manifesta em nós e na natureza. Ainda de acordo com Mosé, essa vontade seria a essência, ela “[...] é o princípio fundamental da natureza, o substrato de todas as forças representadas nos fenômenos, no instinto sexual, no crescimento das plantas, nas pedras, enfim, no perpétuo movimento de vida e da morte.” (Schopenhauer, 2007, p.14)

Todo sofrimento inerente ao homem vem da vontade de vida, pois o desejo de querer o que não se tem é a causa de todo o sofrimento, e a vida é um constante querer (desejo). Logo, toda a vida é sofrimento. Assim, “[...] o prazer obtido pela satisfação do desejo é momentâneo, pois este abrirá caminho para novos desejos sempre obstados, sempre em luta para obter a sua satisfação. A felicidade não é senão o momento fugaz da ausência da infelicidade” (Schopenhauer, 2007, p.23).

A partir dessa citação, podemos compreender o motivo pelo qual Schopenhauer teve sua teoria descrita por alguns críticos como pessimista. No livro “Da morte- Metafísica do amor - Do sofrimento do mundo”, Schopenhauer vai tratar da morte, e inicia o seu texto fazendo uma referência à ideia Socrática de que “ a morte é a musa da filosofia”. No entanto, Schopenhauer vai abordar, em seu texto, intitulado “Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si”, a questão sobre o temor da morte, que se apresenta em face das coisas do mundo. Segundo ele, nós atribuímos o “terrível” à morte; essa certeza de

⁵ SCHOPENHAUER. Arthur. Da morte metafísica do amor – Do sofrimento do mundo. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

⁶ Explicação dada por Viviane Mosé em um quadro do programa Fantástico e, disponível em: <https://www.youtube.com>

que a morte é algo terrível surgiu com a razão, principalmente nas culturas ocidentais cristãs. Assim, para ele, “a todo mal é dado um remédio” (SHOPENHAUER, 2007, p.23), e, nesse caso, sendo a morte algo temível ou mal, é dado como “antídoto os sistemas religiosos e filosóficos”. Portanto, ele traz concepções “metafísicas consoladores”.

Para Schopenhauer:

[...] o Brama, no qual a essência não encerranem no nascimento nem no perecimento, o bramanismo e o budismo terão um melhor resultado que as religiões que consideram o homem formado a partir do nada e deixam iniciar com o nascimento a sua existência, que ele recebeu de um outro. Assim, encontramos na Índia uma confiança na morte e um menosprezo por ela, dos quais se encontra nenhuma noção na Europa.” (SCHOPENHAUER, 2007, p.23-24)

Schopenhauer (2007) entende que o temor da morte existe e é independente do conhecimento, ou seja, independe da faculdade da razão, pois esse temor se observa até mesmo nos animais, que não possuem razão alguma. De acordo com o filósofo, ao mesmo tempo em que o animal tem um cuidado com a conservação da sua espécie ele tem o medo da aniquilação, pois ele é “vontade de vida”, assim como, o homem. No entanto, para este filósofo, o apego ilimitado à vida não pode ser proveniente de uma reflexão ou conhecimento, visto que o conhecimento age no combate ao temor da morte.

Não devemos temer a morte, pois conforme Schopenhauer:

Se o que faz a morte nos parecer tão assustadora fosse à ideia do não-ser, então deveríamos experimentar o mesmo temor diante do tempo que ainda não éramos. Pois é incontestável que o não-ser depois da morte não pode ser diferente daquela anterior ao nascimento; ele não merece, portanto, ser mais lamentado. (SCHOPENHAUER, 2007, p.27)

Nessa relação entre nascimento e morte, o filósofo busca esclarecer que se não tememos o nascimento com a ideia de que viemos do nada (infinito), então, não podemos temer o que há após a morte. Para ele, a morte é uma espécie de sono, pois o sono é “o irmão da morte, e o desmaio é seu irmão gêmeo” (SHOPENHAUER, 2007, p.30). Ele segue com afirmações consoladoras para não temermos a morte, e diz que até mesmo a morte mais violenta não pode ser temida, pois as dores nunca são sentidas imediatamente. Para se ter ideia de tal afirmação, podemos nos reportar a pessoas que já sofreram graves acidentes.

Durante a nossa Graduação, nosso colega Arimateia Dantas⁷, testemunhava a respeito do grave acidente sofrido anos antes do seu ingresso à faculdade. De acordo com o seu relato, no momento em que o carro em que estava colidiu com o caminhão, ele não sentiu qualquer dor e só acordou dias após esse fato, tendo como única imagem desse momento uma espécie de *flash*. Assim, não há o que temer, pois a nossa relação com a morte é sempre com a morte do Outro, e temos muitas percepções sobre a morte dos outros, e ela sempre é algo pleno de significado.

O medo da morte traz essa ideia de finitude, ou seja, é uma ideia de que “eu vou acabar”, sendo uma ideia equivocada, pois não podemos nos limitar ao pensamento de que a morte é a destruição total do ser. Baseado na cultura indiana, Schopenhauer assinala para a questão da imortalidade, e fazendo uma referência à natureza ele diz:

A espécie é o que vive por todo tempo, e é na consciência de sua imortalidade e identidade que os indivíduos existem joviais e confiantes [...] Por isso a espécie não envelhece, mas permanece sempre jovem: a morte é para ela o que o sono é para o indivíduo, ou o que a pálpebra é para o piscar dos olhos, cuja ausência faz reconhecer os deuses indianos, quando aparecem em sua forma humana. Do mesmo modo que, à entrada da noite, o mundo desaparece sem no entanto deixar de ser em nenhum momento, assim também, com a morte desaparece para os olhos, subsistindo indestrutível, porém, o seu ser verdadeiro. Pense agora na sucessão rápida da morte e do nascimento em vibrações infinitamente céleres: então, ter-se-à diante de si uma objetivação duradoura da vontade, as idéias permanentes dos seres, sempre imóveis e presentes como o arco-íris sobre a queda d’água. Tal é a imortalidade no tempo. Em razão desta, a despeito de milênios de morte e decomposição, nada ainda se perdeu, nenhum átomo de matéria e muito menos uma só parcela do ser intimo que se apresenta a nos como natureza. (SCHOPENHAUER, 2007, p.27)

Portanto, para entendermos a morte, é preciso deixar nossas limitações diante do tema, devemos deixar o medo para compreendê-la, pois a morte está intimamente ligada à vida e não há o que temer, pois seremos eternos na natureza, e, cada vez que estamos mais vivos, mais próximos da morte estamos.

Outra via para entendermos a morte nos é dada a partir das teorias do psicanalista Freud. De acordo com este, podemos começar a nossa tarefa por compreender qual é o “propósito da vida humana”. Segundo ele, o propósito da vida é decidido pelo que ele chama de “programa do princípio de prazer”. Logo, a tarefa da vida humana compreende a busca

⁷ Aluno do Curso de Letras da UEPB.

pela felicidade e o evitar do sofrimento. No entanto, a tarefa de evitar o sofrimento se coloca anterior à tarefa de se obter o prazer, ou seja, “Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer.” (FREUD,1997,p.24).

Observamos que a sua investigação tem suas raízes profundas na infelicidade humana, e, para ele, o sofrimento ameaça o indivíduo a partir de três direções: nosso corpo, o mundo externo e nossos relacionamentos. Assim, experimentar o sofrimento é bem mais fácil, uma vez que ele decorre dessas três direções. Freud apresenta uma saída para o temível sofrimento. De acordo com sua teoria, adentrar a uma comunidade com o objetivo do controle da natureza é uma saída possível, pois o homem em seu estado de natureza não consegue se relacionar com o outro, a pulsão é bruta e corresponde ao que podemos chamar de gozo. Este gozo se encontra no outro e também em “mim”, e colocá-lo antes da cautela acarreta o seu próprio castigo. Portanto, o gozo é considerado a causa de todos os males, sendo a pulsão bruta.

Freud aprofunda a questão das pulsões, pois, para ele, a pulsão está na fronteira entre o físico e psiquismo (Id). A pulsão é sempre uma parcialidade, nós temos as chamadas pulsões sádicas, pulsão fálica ou genital, e, a unificação de todas as pulsões, visa o princípio do prazer (castrações) e o princípio da realidade (redução dos gozos). Freud apresenta a **pulsão de vida** e a **pulsão de morte**.

Freud trata aprofunda as questões relacionadas à morte, a partir de suas palestras, intituladas *Nós e a Morte*, proferidas no ano de 1916, nela ele aborda a relação do homem com a morte não só no sentido biológico, mas na relação do homem com a guerra. Para ele, a um ponto em comum entre o homem civilizado e o homem primitivo, sendo este ponto, o desejo de destruir aquilo que os ameaçam ou oferece perigo.

A inconscientemente, não acreditamos na morte, mas, por outro lado, conscientemente a ideia de morte nos apavora, e disso decorre o nosso drama existencial. Para Freud, o homem civilizado não avançou na questão sobre a morte, tanto o homem primitivo quanto o homem civilizado, não aceitam a morte como um fim da vida decorrendo disso, o seu conflito existencial.

3. Análise sobre o objeto (morte) na obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*

O livro “A morte e a morte de Quincas Berro D’água”, inicia com a seguinte citação: “Cada qual cuide de seu enterro, impossível não há”. Tal citação assinala para a certeza que devemos ter sobre a morte, ou seja, não há destino mais certo diante da vida, embora exista relacionada a esta temática a negação, principalmente para os povos de cultura cristã. A referida obra vai abordar o tema da morte sob duas vertentes, uma pela simbologia, e outra no sentido natural. Portanto, no livro, a temática “morte” é desenvolvida no sentido simbólico (moral) e a morte no sentido natural (física), que é o cessar das forças vitais.

A morte sempre está contraposta à vida e a nossa relação com a ela, é sempre com a morte do Outro, nós costumamos atribuir ela um sentido negativo, no entanto, como diria Schopenhauer (2007, p.31), “[...] por mais temida que seja, a morte não pode ser considerada um mal”.

No livro, a primeira morte de que nos damos conta, é a morte no seu sentido simbólico (moral), que se dá a partir da morte do protagonista Joaquim Soares da Cunha, é a morte do homem que está em conformidade com as normas estabelecidas pela sociedade, e o nascimento de Quincas Berro D’Água, ou seja, o transgressor, o homem que vai agir de modo contrário às normas estabelecidas pela sociedade.

A família de Joaquim não reconhecia a nova identidade assumida por ele, isso pode ser observado na seguinte passagem do livro:

[...] se tornara desgosto e vergonha para família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos.”(AMADO, 1984, p.17)

A partir daí, damos conta da primeira morte do protagonista, sendo assimilado no sentido positivo, pois como diria Schopenhauer:

Muitas vezes ela aparece como um bem, como coisa desejada, como uma verdadeira amiga. Para todos os que, no curso de sua existência ou de seus esforços, deparam com obstáculos intransponíveis, para todos os que sofrem de doenças incuráveis ou desgostos inconsoláveis [...] (SCHOPENHAUER, 2007,p.31).

Então, nesse sentido, a morte significará, para a família, a resignação do protagonista, pois “Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga com sua mão de ausência, as machas do passado e a memória da morte fulgem como diamante. (AMADO,1984, p.18). Assim, a morte pode ser compreendida no sentido positivo, mas ela também será compreendida, nesse momento, como um dispositivo regulador do comportamento social do sujeito.

Mesmo quando acontece a segunda morte do protagonista, personificado em Quincas, e sendo a morte natural (física), essa vai ser a concretização da sua primeira morte, sendo, para a família, um alívio, pois, a vida que Quincas tinha causava para a família um certo sofrimento, e, tendo em vista que a tarefa da vida humana é a de evitar o sofrimento, essa morte vai ser compreendida no sentido positivo, uma vez que ele não mais representará uma ameaça para aquela família. Ao assumir a identidade do boêmio, Quincas não poderia servir de referência para seus netos, visto que sua família entende aquele homem não mais como um sujeito civilizado.

De acordo com Freud (1997), a higiene é uma das características da civilização, no entanto, o personagem Quincas não corresponde a esse padrão de civilização. Isso pode ser observado no capítulo três, quando sua filha, Vanda, chega ao seu quarto e encontra seu corpo em um ambiente sujo e com roupas sujas. Logo, não é a morte que lhe causa sensação negativa, mas o estado em que encontra o seu pai lhe causara vergonha, pois, como diria Freud (1997, p.46), “A sujeira é incompatível com a civilização”.

Ainda de acordo com Freud (1997), uma das fontes do nosso sofrimento são os nossos relacionamentos com os outros homens, e Quincas, por causar tantos sofrimentos a sua família, só com a sua morte, o problema moral está resolvido. Por esta razão é que Joaquim já estava há dez anos, para sua família, morto.

Para família de Quincas, a decisão em ser boêmio parece individual, que não segue o regulamento dos relacionamentos pela cultura, ou seja, para Freud (1997, p. 55) a vida comunal se faz necessária, e ainda, conforme suas palavras: “A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados.” (FREUD,1996, p.103). Portanto, ele rompe com a sociedade que está representada por sua família, isso para sua família.

Esta comunidade, segundo Freud (1996, p.55), se constitui através de dois duplos, Eros e Ananke [Amor e necessidade], assim, estes são os princípios que se tornaram “os pais da civilização”, sendo, portanto, o amor um dos fundamentos da civilização. No entanto, nem tudo é só amor, o homem também possui em sua vida psíquica impulsos agressivos, como a pulsão de morte. Tais pulsões são subjulgadas pela sociedade através de formações psíquicas reativas, e, os efeitos colaterais podem prejudicar os relacionamentos sociais.

A morte do personagem, no sentido simbólico, surge para família como uma barreira pra extirpar a vergonha causada à moralidade da sua família. Assim, a morte surge como um dispositivo regulador do comportamento social dos sujeitos.

Porém, não podemos deixar de observar que, a terceira morte do protagonista, se dá nas águas do mar, e como diria Schopenhauer (2007, p.74): “O morrer é o momento de libertação”. Assim sendo, Quincas morre liberto de todos os padrões impostos pela sociedade representada por sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, abordar as questões sobre a morte e entender a morte no sentido simbólico, tomando como objeto de análise a morte do personagem amadiano Joaquim Soares da Cunha. Logo, para elaborarmos os conceitos necessários e alcançarmos nossos objetivos, nos debruçamos sobre os estudos filosóficos de Schopenhauer e os estudos psicanalíticos de Freud.

Com Schopenhauer, pudemos compreender a morte no seu sentido positivo e revelamos a sua íntima relação com a vida, que, por esta razão, não deve ser temida, pois muitas vezes ela surge como bem. Com Freud, buscamos desenvolver o tema do nosso trabalho, apontando para a morte como um dispositivo regulador do comportamento social dos sujeitos, visto que Joaquim, ao assumir a identidade do boêmio Quincas, se tornou para sua família uma ameaça, por não servir como referência de moralidade para seus netos.

Assim, foi dado como morto, mesmo estando vivo. Cumprimos o nosso objetivo, ao apresentar e provar, sobre o objeto analisado, os motivos pelos quais a morte se torna um dispositivo regulador do comportamento social dos sujeitos. Quincas, o homem sujo,

malandro e boêmio, não correspondia aos padrões da civilização, portanto não poderia ser referência para sua família, assim, dar Joaquim como morto foi a forma encontrada por sua família para negar o nascimento do transgressor Quincas.

Deste modo, este trabalho foi muito importante para o aprofundamento das questões sobre a morte, pois permitiu-nos compreender a morte sobre dois aspectos, o simbólico e o físico, além de ter nos permitido desenvolver os estudos relacionados à questão dos padrões sociais que, muitas vezes, nos conduz em tomar decisões sobre a vida do Outro. No entanto, a última morte do personagem, que aqui foi pouco explorada, será a representação simbólica da liberdade, ou seja, do rompimento com os padrões ditados pela sociedade burguesa.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'água: Romance. 54^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado: Romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização/ Sigmund Freud. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SCHOPENHAUER. Arthur. Da morte metafísica do amor – Do sofrimento do mundo. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.